



| | | | |
|---------------------|-----------|------------------|--|
| DIÁRIO DE NOTÍCIAS | | DIÁRIO POPULAR | |
| SÉCULO | | DIÁRIO DE LISBOA | |
| JORNAL DO COMÉRCIO | | CAPITAL | |
| DIA | 13.10.79. | REPÚBLICA | |
| DIÁRIO | | JORNAL NOVO | |
| PRIMEIRO DE JANEIRO | | LUTA | |
| JORNAL DE NOTÍCIAS | | | |
| COMÉRCIO DO PORTO | | | |

A angústia de uma católica de esquerda

Pintassilgo sente-se frágil ao iniciar os dias de trabalho

Na quarta-feira, na estação 1 da televisão francesa, o "acontecimento" foi Maria de Lurdes Pintassilgo, "um caso excepcional entre as mulheres de Estado". Enternecido, o apresentador do programa — de seu nome original "l'evenement" — afirmou mesmo que outras mulheres com funções idênticas, tal como Golda Meir ou Margaret Thatcher, "não têm, nem tiveram tanto de simples e natural como Maria de Lurdes Pintassilgo". Por este exemplo se compreenderá a preferência que a primeiro-ministro devota à imprensa estrangeira, bem como às respectivas rádios e televisões.

Mas, para além dos comentários sobre a personalidade de Pintassilgo, o programa também inclui uma entrevista e uma reportagem passadas em paralelo. Na segunda, de acordo com a versão da ANOP, "foram mostrados passos do quotidiano do Chefe do Executivo português". Na primeira, um dos pontos inquiridos levou Pintassilgo a falar sobre as suas relações com os militares. A esse respeito revelou que a vêem "positivamente quando penso e decido rapidamente", mas quando acontece o contrário, reconheceu, "zangam-se um pouco".

Classificada também de católica de esquerda, Maria de Lurdes Pintassilgo aceitou implicitamente a designação, dizendo não existir qualquer contradição entre as duas denominações. A seguir, entrevistador e entrevistada entraram em aspectos relacionados com a governação e a "grande angústia" que a primeiro-ministro sente por não poder resolver de imediato os grandes problemas que afectam o País, sobretudo as questões respeitantes à política social.

Angustia — e depois de constatar que "Portugal é um País pobre", cada contraditoriamente disse haver dinheiro, mas imobilizado — Maria de Lurdes Pintassilgo também se deteve nas duas mudanças que mais sente desde que entrou para o Governo. De acordo com o relato da agência noticiosa estatizada, são a falta de liberdade devida à perda do anonimato e o contacto mais directo com as realidades do País e dos portugueses. Sempre angustiada, a primeiro-ministro aduz sentir-se também muito frágil quando começa os dias de trabalho: o tempo passa rapidamente e há muito para fazer, concluiu.

Escusando-se com a necessidade de uma relação directa e pessoal com pessoas muito concretas, o que leva necessariamente muito tempo, para fazer essas coisas, talvez Maria de Lurdes Pintassilgo tenha a noção, para os estrangeiros, do limite temporal do seu Executivo. Limite tão propalado, por um lado, mas pouco sensível no comportamento do Governo, com destaque para as "incurções" pela província.

IMPOTENTE PERANTE A CRISE ECONÓMICA

Mas as sensações de Maria de Lurdes Pintassilgo não extravasaram apenas para França nos últimos dias. Através da France Presse, chegaram notícias de outra entrevista, esta à "Interviú", revista espanhola que se publica em Madrid e pertencente a um novo género de publicações da Espanha pós-Franco: nesse tipo de revista se reúne a política com o erotismo, por vezes a pornografia, e se divulga a ideologia quase sempre marxista, como é o caso, à mistura com reportagens mais ou menos picantes sobre raparigas também mais ou menos despidas.

Quanto à entrevista em causa, a primeiro-ministro revelou, neste seu depoimento que se sente, de verdade impotente, perante a crise económica. Uma crise que atribui como de costume às duas heranças que perseguem os portugueses: a do antigo regime e as que se lhe sucederam, conforme quem está no poder. Na linguagem de Maria de Lurdes Pintassilgo, a crise resulta assim "não só das condições especiais do desenvolvimento português, mas também das atitudes pouco claras de outros governos, particularmente daquele que ne antecedeu".

No entanto, o primeiro-ministro terá aproveitado, também, para arranjar outra causa do estado em que o País se encontra, para além da conhecida argumentação da crise do petróleo, repetida desde 1973. Assim, lamentou a indecisão, depois da revolução de Abril

de 1974, de "vários países que teriam podido ajudar Portugal, mas que decidiram esperar que os portugueses se dotassem de uma estrutura, de instituições democráticas... aguardaram dois anos e esse atraso foi fatal para a nossa economia".

Segundo a France Presse, interrogada também sobre o seu principal objectivo, Maria de Lurdes Pintassilgo afirmou que gostaria, "apesar do pouco tempo de navegação que me resta", levar o País ao "porto da verdadeira independência nacional, isto é, que os portugueses possam escolher livremente o seu destino, deixando de estar sujeitos a exigências externas". Enfim, são só dificuldades e heranças, são só desejos e sensações, são só frustrações, o que comprova ser doloroso chefiar um Governo em Portugal nestes revolucionários anos 70.